



# O TREVO

DIFUSÃO DO ESPIRITISMO RELIGIOSO

Órgão da Aliança Espírita Evangélica  
da Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO I

São Paulo, Novembro de 1974

N. 9

## SOBRE O SEXO

EDGARD ARMOND

Para se penetrar melhor na vivência face ao sexo, é necessário admitir à priori, que há diferenças fundamentais entre os termos sexo e sexualismo.

**SEXO:** a ação justa e natural dos órgãos de reprodução existentes no corpo físico, regidos por leis da própria natureza humana, que devem ser compreendidas, aceitas e respeitadas, sem desvios, salvo os referentes à própria saúde física.

**SEXUALISMO:** domínio de forças, impulsos, interferências ou desvios sobre os órgãos; função sexual levada a viciamentos sempre ruins à saúde física e moral.

Se os impulsos naturais do sexo levam ao equilíbrio orgânico pelo exercício normal da função reprodutiva, necessária ao equilíbrio da sociedade humana encarnada, o sexualismo é viciamento ligado a hábitos e costumes licenciosos, com interferência da inteligência ou, melhor dito, da imaginação, buscando o prazer físico que, aliás, sempre degenera em permanente insatisfação e muitas vezes em paixões e violências, a maioria das pessoas afundando em perversões; havendo, entretanto, outros mais seguros de si mesmos, que superam de certa forma essas inferioridades próprias da animalidade inferior e pautam sua conduta por princípios mais rígidos e condizentes com as leis naturais da criação.

Se, em relação ao sexo em si mesmo, nada há a opor, mas somente compreender e respeitar, o mesmo não se dá quanto ao sexualismo, que deve ser controlado, reduzido a limites mínimos, para se restringirem os malefícios que causa. É muito difícil é a luta para essa contenção, porque esse impulso desordenado tem base funda na vida animal instintiva, do qual estamos todos ainda muito próximos e saturados.

Mas, se a civilização atual cada dia mais subscreve as deturpações, desmoraliza e rebaixa o sexo e endeusa o sexualismo, do qual deveriam os homens se distanciar o mais possível, isso não altera a es-

trutura humana em si mesma e as leis que regem o problema, assim como a generalização da conduta criminosa não modifica as virtudes morais e somente retardam sua conquista e sua livre expansão.

Se o materialismo, nos dias atuais, está destruindo os valores morais da formação humana, transformando utilização judiciosa em desregramentos, corrupção e animalidade livre, isso não afeta a existência do sexo na sua própria natureza e condição criativa; mas se nos animais essa animalidade é compreensível, nos homens é imperdoável e somente atribuível a imperfeições morais muitas vezes mórbidas, que devem ser eliminadas.

Se as virtudes desprezadas hoje, sempre existiram e foram respeitadas, podem também ser novamente agora e com mais entendimento e propriedade, bastando que a educação das crianças e dos jovens seja modificada nos lares e selecionados, nas escolas, os professores.

E assim quanto ao sexualismo: se a imaginação descontrolada, aplicada à busca de prazeres físicos transitórios, não levam em conta o aspecto moral do problema e deturpam, rebaixam e animalizam o sexo, degradando a si mesmos os homens que assim agem, outros todavia existirão que agem de forma diferente, controlando os impulsos e disciplinando-os.

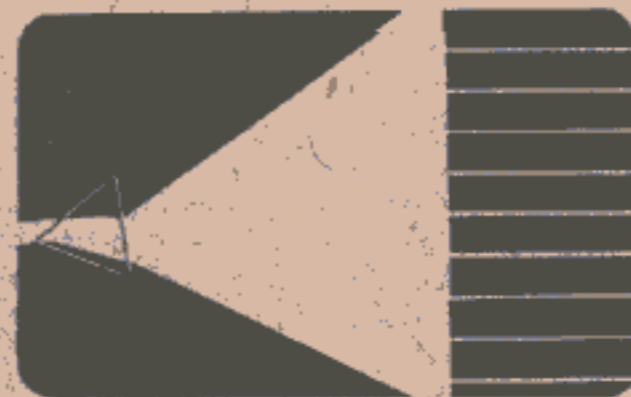
Finalmente: se a maioria dos homens, ausentes da espiritualidade, entregam-se abertamente, sem qualquer escrúpulo, ao predomínio do sexualismo, os filiados a correntes de pensamento religioso ou espiritualista, devem se manter afastados dessa degradação da vida moderna, cultuando a dignidade, as virtudes morais, o respeito humano recíproco e a linha de conduta irrepreensível que os ensinamentos espirituais apontam como os únicos que podem engrandecer os homens neste passo evolutivo inferior, para que assim mantenham com firmeza e determinação o movimento ascensional em busca do Reino de Deus.

## CROMOTERAPIA

EDGARD ARMOND

CROMOTERAPIA

EDITORA ALIANÇA



Acaba de ser lançado o segundo fascículo da série de publicações que a Editora Aliança iniciou com «Psiquismo».

Referimo-nos a CROMOTERAPIA, que trata de matéria integrante do currículo do Curso de Médiuns: a utilização das cores no campo das curas.

Este trabalho, de autoria do

Cmt. Edgard Armond, discorrendo sobre as cores básicas e complementares, suas propriedades, as cores nas auras humanas, os efeitos nas curas e aplicações práticas, será de real valor tanto nos atendimentos efetuados nas Casas Espíritas, quanto facilitará a tarefa de expositores e alunos dos Cursos de Médiuns.

## Vibrações coletivas da Aliança

Avisamos a todos os Centros integrados à Aliança Espírita Evangélica, que no próximo dia 19 de dezembro, às 19,30 horas, serão realizadas vibrações no Centro Espírita Aprendizagem do Evangelho, à Rua Genebra, n.º 172.

Após a reunião coletiva, serão promovidos à condição de Servidores, alunos do G. S. Maria de Nazaré, do G. E. Razin (2 turmas), da S. E. Cândida Rosa do Nascimento e da C. E. Alvorada.

# ESCLARECENDO

EDGARD ARMOND

P — No centro que frequentamos com minha família e recebemos ensinamentos, dizem que é preciso fazer vibrações e preces para os doentes, mas penso que é a mesma coisa. Estará certo?

R — Para responder vamos explicar os termos:

Vibração, como doutrinariamente se define, é um ato mental e sentimental conjugados: o espírito encarnado, pela ação da vontade, emite, através da mente, ondulações energéticas para benefício de determinada pessoa necessitada, em presença ou à distância. Nos casos de cura, por exemplo, a emissão é para socorrer doentes e necessitados em geral e, se for feita com amor e desejo firme de obter os resultados esperados, as ondulações vibratórias terão muito maior intensidade e os efeitos serão muito mais positivos.

Para isso, o espírito doador movimenta os sentimentos que atingem o alvo na forma de calor, som e luminosidade, sendo os melhores

possíveis, os resultados do atendimento.

Não confundir, porém, esse tipo de vibração com outra, material, mecânica como, por exemplo, a de uma corda de violão que se distende e depois se solta, fazendo vibrar o ar ambiente, produzindo som, mais alto ou agudo, segundo a amplitude da distensão e a rapidez das oscilações da corda ao voltar a seu ponto de estabilidade anterior.

E quanto à prece, esta é também uma projeção mental e ao mesmo tempo um arroubo da alma, expressando um desejo, ou uma súplica que se dirige a poderes espirituais mais elevados e que, conforme sua intensidade e pureza, atinge regiões mais altas ou menos altas, na subida para sua meta.

Se a prece for simplesmente mecânica e não tiver vibração sentimental que haste, não conseguirá romper a massa escura e densa da atmosfera, não atingirá o alvo visado e não produzirá os efeitos que desejamos alcançar.

## A Prática do Silêncio

(Contribuição para as Escolas de Aprendizes do Evangelho)

NEY P. PERES

— I —

É no silêncio que iniciamos o descobrimento das manifestações mais rudimentares do nosso ego, do homem antigo, grosseiro, animalizado. No silêncio profundo dos nossos espíritos, meditando sobre todas as nossas reações diárias. Necessitamos, realmente, todos os dias, desse contato silencioso com nós mesmos. Procuremos, aonde residimos, um local apropriado e lá, diariamente, de manhã ao levantar, ou de noite ao deitar, mesmo em qualquer ocasião de desânimo, diante de um problema, diante de um acontecimento desagradável, tenhamos o encontro com o nosso próprio espírito e a tudo examinemos e confrontemos com os ensinamentos que vamos progressivamente recebendo.

Nesses momentos de silêncio, aproximam-se de nós os Amigos Espirituais para nos inspirarem e nos envolverem com as irradiações fortalecedoras.

Para conseguirmos a prática do silêncio, necessitamos de serenidade. No local escolhido, confortavelmente sentados, relaxamos nosso corpo e buscamos inicialmente a serenidade interior, a calma, a tranquilidade; se dispomos de música suave, elevada, melodiosa e delicada, usemo-la como fundo à nossa prática. Daí então, iniciamos a exercício do silêncio.

Através do silêncio, aumentamos a potencialidade dos nossos espíritos, desenvolvemos a sensibilidade às inspirações espirituais e, paula-

tinamente, nos afastamos das tentações.

Com o progressivo treinamento nas experiências do silêncio, vamos conhecendo as nossas inferioridades, vícios e defeitos, vamos reformulando as nossas disposições e nos melhorando, realmente, cada dia.

As primeiras experiências provavelmente serão realizadas com dificuldade, mas certamente a partir do primeiro mês, não mais existirão obstáculos em realizá-las.

Em casos de dúvidas ou manifestações outras, procure o dirigente ou a secretária da turma da Escola de Aprendizes do Evangelho e narre suas dificuldades, buscando assim a orientação adequada.

### FASCÍCULOS DE PSIQUISMO

Encontram-se na Sede da Aliança Espírita Evangélica, à disposição dos interessados, fascículos de «Psiquismo», que contém o Ponto n.º 12 do Curso de Médiums, compreendendo as aulas de números 12, 13, 14 e 15.

Compõem esse trabalho os itens que tratam do Cérebro Material, Sistema Nervoso, Reencarnação, Cérebro Espiritual e Mente.

É uma publicação que visa fornecer aos alunos do mencionado Curso, noções gerais de psiquismo, vistas à luz da Doutrina Espírita.

## MISTICISMO E PUREZA DOCTRINÁRIA

(Conclusão da última pág.)

espalhamos pelo Estado as UMES e os CRES, não temos ainda uma uniformidade nas práticas espíritas, que foi um dos objetivos fundamentais da criação da primitiva USE, em 1947, em que é estabelecida somente em parte, e com críticas, na FEESP. Aí está amigos, um dos mais perigosos focos de infestações, onde as forças trevosas firmam o pé para derrubarem os reductos de trabalho e oração.

Desde a aplicação de um passe até os trabalhos de desobsessão, da direção de um trabalho de cura até o desenvolvimento mediúnico, por pecarem pela falta de uniformidade, ensejam o aparecimento de aventureiros, inovadores que abrem verdadeiras brechas para as forças do mal.

Torna-se indispensável e urgente a padronização dos trabalhos práticos!

### e) A ortodoxia

Finalmente discorreremos sobre os confrades que, não reconhecendo o caráter evolucionista da Doutrina, conforme afirmou o próprio Kardec, passam a ver nas inovações necessárias decorrentes do progresso, autênticos ataques à pureza da Doutrina, contribuindo, dessa forma, para uma poluição diferente e curiosa, não pela introdução de poluentes, mas pela omissão de nutrientes renovadores responsáveis pelo seu avanço.

### II.3. Conclusão

Como era de se esperar, após tanto termos falado, sentimos na obrigação de apresentar as prováveis soluções. Nesse particular voltamos a bater na tecla já desgastada. Para a solução da triste problemática que ameaça o Espiritismo, em todos os Centros Espíritas deverão ser implantados um currículo integrado composto pela **Escola de Aprendizes do Evangelho (a reforma moral e aprendizagem doutrinária); Curso de Médiums (desenvolvimento da mediunidade e curso de Passes); e o Curso Básico de Espiritismo (para os iniciantes)**.

Falemos agora sobre o misticismo.

### III. O MISTICISMO

#### III.1. Definição

Não é fácil definirmos misticismo, e qualquer tentativa de uma abordagem precisa está ameaçada de fracasso.

Em geral, o vocábulo é empregado pelo povo para designar algo correlacionado com ocultismo esotérico, mistério, alegorias e símbolos, idealismo sem fé, rituais etc.

Os dicionários falam-nos de «atitude coletiva afetivamente baseada numa lei irracional, numa doutrina, ou num homem» (Dicionário de Psicologia de Henri Piéron, Ed. Globo), e é o mesmo autor que nos fala também em «conjunto de práticas conducentes a um êxtase». Já no dicionário de Psicologia, de Ganiel Valmor (Ed. Schapire), vamos encontrar «disposição religiosa destinada a elevar o homem a Deus».

#### III.2. Esclarecendo

Com respeito à primeira definição, aquela proveniente da sabedoria popular, manifestam-nos frontalmente contrários, pois seria um absurdo admitirmos em nossos meios os mistérios, símbolos ou alegorias. O Espiritismo é uma doutrina de culto interior, onde os formalismos não têm lugar, sob hipótese ou pretexto algum!

Sobre a segunda, que nos diz de uma atitude baseada em lei irracional, dispensamos qualquer comentário pelo próprio absurdo que encerra.

A terceira, desde que entendamos por êxtase como sendo a alegria espiritual que sentimos quando nos aproximamos do Criador, torna-se mais aceitável. A quarta é, para nós espíritas, bastante razoável, pois, devemos não só aspirar, mas também envidar todos os esforços para nos aproximarmos do Criador.

#### III.3. Conclusão

Para terminar, concluímos, após termos feito as considerações acima, que o misticismo não pode faltar ao espírita, mas, um misticismo que nos leva à conscientização dos valores espirituais, em detrimento das formas físicas percebíveis. Um misticismo traduzido em profundas aspirações de atingirmos o mais alto, que se reflete numa vivência onde, apesar de estarem os nossos pés no chão, a mente se encontra voltada para outra vida, a verdadeira.

Sejamos místicos! Reconheçamos ser a encarnação um fato acidental em nossas vidas e esforcemo-nos, através do trabalho e do estudo, para acelerarmos a nossa comunidade em direção ao Criador. E assim desfrutaremos da oportunidade ímpar de experimentarmos diariamente aquela felicidade sem limites que explode em nossos corações quando sentimos que dentro de nós morre, todos os dias, um velho, e nasce um homem novo.

## O TREVO

Redação:  
Rua Genebra n.º 172  
São Paulo

Artigos assinados por colaboradores são de sua exclusiva responsabilidade. Os não publicados não serão devolvidos.

#### Redatores:

JACQUES CONCHON  
NEY PRIETO PEREZ  
TIRZAH RIETHER

#### Diretor Administrativo:

JOSÉ RODRIGUES

Jornalista Responsável:  
VALENTIM LORENZETTI

Composto e impresso na  
GRÁFICA EDITORA  
LINOTYPE LTDA.

Glodoaldo Madeira  
Rua Mem. de Sá, 172 - Tel. 279-0512

# Página dos Aprendizes

**Diante da noite, não acuse as trevas; aprenda a fazer lume**

É muito comum, ao nos depararmos com uma situação difícil, responsabilizarmos Deus e o mundo, culpando tudo e todos, desde o nosso próximo às leis da natureza, e até mesmo os nossos anjos guardiães, por não nos socorrerem de imediato, ou por nos terem abandonado.

Na realidade, ao nos descontrolarmos diante de qualquer situação, automaticamente desligamo-nos da nossa assistência espiritual, fazendo mesmo ouvido de mercador à sua insistente orientação, martelada em nossos ouvidos em forma de sugestões. Porém, simplesmente ignoramos esses chamados à calma, à serenidade.

Na verdade, o nosso próprio instinto de defesa nos impede a essa atitude, uma vez que somos ainda espíritos imperfeitos, sujeitos, portanto, a defeitos como intolerância e impaciência. Diante, portanto, do menor problema, *acusamos as trevas*.

Não obstante, a nós foi concedida a dádiva do esclarecimento, do aprendizado, através da reforma íntima, da correção dos nossos defeitos.

Estamos, portanto, determinadamente, atrás da verdade... da luz... dessa mesma luz que, ao alcançá-la, esperamos estar em condições também de fazê-la refletir

**Nas lutas habituais não exija a educação do companheiro. Demonstre a sua.**

Na vida cotidiana, duas situações opostas se oferecem ao mesmo tempo: competição e colaboração.

Dentro da vida familiar, uma só pode existir — a colaboração.

Na vida social, porém, a competição é inevitável. Não apenas porque é de nosso dever aprimorarmos mais e mais, para também mais evoluirmos. Essa luta competitiva, porém, deve realizar-se dentro dos códigos de convivência humana, válidos para cada época. Assim, competimos dentro de uma coletividade, não contra ela.

Almejamos os objetivos do futuro, não como satisfação de nossos desejos pessoais, mas fraternalmente, como parte de um grupo humano em marcha para melhores dias.

Nessa luta, mesmo sem o desejarmos, superamos a uns e somos superados por outros. Aceitamos as vitórias com humildade e as derrotas com a intenção de tentar novamente, e ainda outra vez, até superarmos os obstáculos que nos bloquearam de início.

A vitória maior, porém, não é aquela que conseguimos contra os outros, e sim, aquela que obtivemos contra nós mesmos; transformar esse empenho de luta que é a lei da vida, em um instrumento de evolução e aprimoramento, em

lá fora, no mundo tão necessitado de claridade, de calor.

Tendo conseguido esse intento, estamos certos, não mais necessitaremos acusar as trevas diante da noite, pois teremos aprendido a fazer lume.

**Nistej Padilha**

Grupo Socorrista Maria de Nazaré

Diante de uma grande noite é necessário que acendamos nossa luz, para que assim possamos caminhar e atingir o Reino de Deus.

Mas, de que maneira poderemos acender nosso lume?

Palmilhando a estrada que nos propusemos a seguir, com paciência e principalmente, muito amor ao nosso próximo. Notaremos que no começo a luzinha será tênue e quase apagada, mas dentro de pouco tempo, ela irá aumentando sua luminosidade que, unida à de nossas companheiras de curso, tornar-se-á uma tocha imensa, que será mostrada aonde estivermos, através de nosso exemplo.

Mas não devemos esquecer as palavras de Emmanuel: «É possível caminharmos, valendo-nos de luzes alheias, todavia sem claridade própria poderemos tropeçar e cair». Portanto, façamos luz própria através da conversão do nosso próprio «eu».

**Maria Aparecida Parente**

Grupo Socorrista Maria de Nazaré

que exija mais de nós do que se procure dar, mais do que receber; em que se demonstre a própria educação, antes de se exigir a do próximo.

**Marilda de Carvalho**

C. E. Irmã Brasileira

**Somente após superar o transitório, poderá o aprendiz conquistar a individualidade eterna**

Só após a nossa passagem na Terra, é que o nosso espírito se liberta; para que ele cresça, é preciso saber aproveitar o nosso tempo, ver como vai o nosso campo íntimo.

Se a sementeira está bem cuidada, se não há muita erva dentro do trigo, se houver joio precisamos tirá-lo, mas com amor, não deixá-lo crescer mais.

Há dentro de nós uma balança que nos pesa todos os dias, o bom e o ruim; nós podemos guardar dentro de nós o nosso trigo. Aumentar o nosso celeiro, fazer uma riqueza enorme porque essa, ninguém a rouba, e quando o espírito largar a carne, levará toda essa riqueza que tinha guardado e que conquistou com o Evangelho e com o seu esforço. Agradece ao pai por ter quem o ensinasse naquela escola humilde onde aprendeu a se libertar e aí iniciou seu voo a caminho da eternidade.

**Maria Assunção de Paiva**

C. E. Alvorada

**INDULGÊNCIA**

Que direito temos nós de julgarmos nosso irmão, se nem ao menos conseguimos ser severos e exigentes para conosco mesmos?

Que direito temos nós de apontarmos com orgulho e ostentação os defeitos dos outros, se ainda nem conseguimos retirar a trave que obstrui a nossa visão?

Que direito temos nós de dizermos aos outros, que eles devem modificar certos vícios ou corrigir velhos hábitos, se nós mesmos, nos colocando numa posição de expectadores, acomodados muitas vezes por levarmos no peito o emblema «sou espírito», nada fazemos para dar o exemplo como nos pede Cristo?

Que direito temos nós de apregoar aos outros que devem praticar a caridade e amor ao próximo, perdoar e ter bastante fé, se nós mesmos ainda não conseguimos fazê-lo, e quando o fazemos, muitas vezes vacilantes, colocamos em evidência nosso orgulho, procurando ressaltar ao mundo nossas virtudes.

Certo. Temos sim, certos direitos. Mas, onde há direitos, há também obrigações.

E entre elas, mister se faz que perdoemos nossos irmãos, não com a

boça e sim com o coração; que usemos sempre o sentimento doce e fraternal tão difícil de praticar que é a indulgência; que evitemos comentar ou divulgar as faltas alheias, mas pelo contrário, sempre que possível, ocultá-las e quando criticarmos, fazê-lo sem miagoar: o que poucos conseguem.

Obrigação maior ainda, é aquela que devemos ter para conosco mesmos. Caridade sem ostentação, reforma íntima em toda a sua profundidade; não apontarmos os outros sem antes olharmos para nós mesmos e perguntarmos se, naquela mesma situação, não faríamos o mesmo; ou se gostaríamos também que os outros fossem indulgentes para conosco?

Sendo indulgentes para com os outros, estaremos preparando um terreno para que o próprio Cristo o seja também para conosco, na medida em que formos caíndo e errando nesta nossa subida, em que devemos voltar todos juntos com as mãos entrelaçadas, num fraternal e sincero amor, ao nosso Divino Pai.

**Luiz Flávio de Almeida**

C. E. Alvorada

**O culto de um Deus exterior é um retardamento evolutivo.**

Não adianta procurar fora de nós, deuses e mais deuses, não adianta procurar algo material a que se agarrar para conseguir progredir.

Temos que olhar dentro de nós procurando Cristo e seguir o nosso Pai, o verdadeiro Deus que se encontra no nosso íntimo.

É procurar estar sempre mergulhado interiormente e vigiar a nossa centelha para que ela cresça imensamente cheia de amor Crístico.

Não vamos fazer como certas pessoas que ficam adorando horas e horas uma estátua, e sem sentir nada no fundo do coração; é apenas um Deus exterior e material, não é aquele que nós temos que sentir sem precisar fazer essas horas de culto.

**Aquele que perseverar até o fim, será salvo.**

A perseverança é algo que temos dentro de nós e que devemos usar a toda a hora, para melhorar nossa vida.

A perseverança é o pensamento positivo, com a mente aberta somente para as coisas boas, porque não adianta nada ser perseverante e ter o pensamento negativo. Ser perseverante é lutar consigo mesmo para aprender as coisas que a vida nos proporciona.

Ser perseverante é olhar para bem dentro do nosso corpo, analisar todos os pensamentos e defeitos e colocar apenas a imagem branca do Criador dentro da alma para reinar na mais perfeita tranquilidade.

Ser perseverante é estudar, batalhar, devorar com os olhos as pala-

Basta apenas procurar andar dia a dia, mansamente, e analisando passo a passo, para ver se ele não é falso.

É amar cada irmão como a nós mesmos, é fazer a caridade nem que ela seja pequenina.

É andarmos voltados para o mundo externo, mas com coragem interna de amor, com amor de nosso verdadeiro Deus, aquele que está entre nós; vamos deixar que esse amor floresça mais e mais dentro de nós e assim poder transmiti-lo para aqueles que defrontam com o nosso caminho.

**Maria Josefina**

C. E. Alvorada

avras dos livros, e depois, colocar em prática, a fim de bem se aprender.

Se às vezes as coisas parecem que estão erradas e que não há compreensão, não se culpe os outros, mas apenas a si mesmo. Pois assim, como fizemos a imagem negativa dos fatos dentro da nossa cabeça, assim ela se volta para nós, sem muito esforço.

Agora, se as trocarmos por imagens positivas, nada disso irá ocorrer e não teremos recolhido o que não é bom.

O amor, a paz, a lealdade e a perseverança derrubam infinitas barreiras.

**Rubens Sérgio dos Santos Vaz**

C. E. Alvorada

# Misticismo e pureza doutrinária

JACQUES ANDRÉ CONCHON

## I. APRESENTAÇÃO

Tendo recebido o gentil convite dos confrades de Tupã, progressista cidade do Interior Paulista, para discorrermos sobre o assunto acima citado diante da assembleia do IV Encontro de Dirigentes e Diretores de Centros da Região, sentimo-nos motivados a desenvolver uma análise do problema, dada a sua importância, aprofundando-nos tanto quanto possível, considerando sempre as restrições de tempo que sofremos nos tumultuados e velozes dias que vivemos.

Para efeitos didáticos resolvemos dividir a matéria em duas seções, a saber: a pureza doutrinária e o misticismo.

A mencionada reunião teve lugar no dia 20 de outubro, pela manhã, com a presença de Dirigentes das Casas Espíritas situada em Marília, Pompéia, Quirino, Oriente, Garça e Tupã.

## II. PUREZA DOCTRINÁRIA

Deve ser entendida em relação à codificação e às complementações estudadas e aceitas, inclusive de procedência mediúnica.

### II.1. Validade do Tema

Indiscutivelmente válido o tema proposto pelos irmãos de Tupã. Hoje em dia, atingido pelos fatores que serão abaixo abordados, o Espiritismo vê-se ameaçado de acompanhar a decadência que as demais religiões estão enfrentando. Seus sólidos alicerces, que foram lançados há 117 anos, estão sendo «poluídos» por um processo sutil e paulatino, desviando o seu sublime objetivo precípuo, a redenção do homem, para interesses outros saturados de imediatismos e mesquinhas.

Em fins de setembro presenciamos algo de surpreendente: uma casa espírita do Estado do Rio que realiza casamentos e batizados. Mas não precisaríamos ir tão longe, pois, na Capital, proliferam Centros Espíritas que possuem imagens nas salas de reuniões.

Concluindo, apoiamos a preocupação e o interesse dos Diretores do conclave, em Tupã, e achamos que soluções objetivas e de emergência devem ser pesquisadas para solver tão delicada problemática.

### II.2. Fatores Desencadeantes

Dentre os fatores negativos que mais têm contribuído para o estabelecimento desse estado de coisas focalizaremos os seguintes: falta de conhecimento doutrinário, a reforma íntima relegada a um plano secundário, as correntes paralelas inferiores, a falta de uniformidade nas práticas doutrinárias e, finalmente, a ortodoxia exagerada. Passemos a analisar os itens em separado.

#### a) Falta de conhecimento doutrinário

Notória mesmo entre os Diretores de Centros, a falta de conhecimento Doutrinário é, ao nosso entender, um dos mais perigosos fa-

tores contribuintes no agravamento da «poluição doutrinária». Torna-se indispensável nas Casas Espíritas os cursos de espiritismo cujos currículos objetivem conhecimentos sumários da ciência e filosofia espírita e exaltem com ênfase especial a vivência religiosa.

#### b) A reforma íntima num plano secundário

Não obstante ter o próprio Codificador explicitado ser a reforma íntima, ao lado das obras, a importante credencial do espírita, eis que, para surpresa geral, vem sendo encarada pela grande maioria dos confrades com sentimentos nitidamente platônicos.

Sem a preocupação pela reforma moral, sem o esforço pela conquista das virtudes evangélicas, os interesses do espírita voltam-se para as coisas chás, caem no vazio face à evolução individual.

#### c) As correntes paralelas

Prosseguindo o raciocínio do item anterior, aduzimos: desprovido de ideal, o espírita passa a raciocinar de uma outra maneira. Ao invés de ir para o Centro a fim de dar, vai para receber. Não é isso mesmo?

Impelido pelo desejo de satisfazer seus anseios e interesses imediatos, vê-se, muitas vezes, o espírita envolvido pelos braços tentaculares das correntes paralelas que prometem ao desavisado um horizonte colorido e promissor. Uma verdadeira tentação, intensificada pelo aspecto exterior repleto de paramentos, cores e sons, como, por exemplo, a Umbanda oferece, enfim, um camuflado bezerro de ouro.

Aos poucos as práticas inferiores vão encontrando a sua danosa infiltração nos Centros. Nesse ponto, prezado confrade que nos lê, devemos ser irredutíveis e rigorosíssimos, abrindo sempre que necessário, um combate declarado e frontal contra essa perigosa «poluição».

Precisamos esclarecer aos frequentadores das nossas Casas, que o Espiritismo nos conduz a aquisições eternas. Jamais resolve o nosso problema financeiro, propiciando-nos uma promoção salarial (imediatismo) mas ensina-nos a ser mais equilibrados e mais comedidos em nossos compromissos (valor eterno); jamais nos cura de todas as doenças físicas, mas nos provê de recursos para enfrentarmos com paciência e resignação, o mal do qual padecemos; nunca nos providencia um bom emprego, contudo, dirige as nossas ações para um elevado clima de dedicação nos afazeres profissionais e induz o nosso relacionamento pessoal à mais pura expressão da fraternidade.

#### d) Ausência de unidade nas práticas doutrinárias

É incrível mas é real: Nós, que tanto falamos em unificação, que

# Passes Padronizados

PASTEUR — 4

Conforme prometido no último número d' O TREVO, publicamos normas para o tratamento de crianças até 7 anos.

## I. Considerações Gerais

### I.1. Doenças Materiais

Normalmente as doenças materiais em crianças resultam de:

- doenças cíclicas, próprias da idade;
- poluição ambiental, desnutrição, clima, etc.

### I.2. Perturbações Espirituais

Por serem as crianças, em tenra idade, inconscientes e irresponsáveis, não se verificam propriamente as perturbações espirituais, salvo as exceções observadas em cortiços e favelas. Os problemas espirituais decorrem de:

- infestação do ambiente;
- chamamento a familiares;
- encarnações completivas.

## II. Tratamentos

Os tratamentos, visando a unidade das práticas devem ser:

### II.1. P-4A (Tratamento Material)

- os dois primeiros tempos do P-1;
- passes longitudinais;
- aplicações locais nas partes doentes.

Notas:

- não deve ser dispensado o tratamento médico;
- deve haver uma corrente simples de três a quatro membros, de preferência femininos, sem dada de mãos, com vibrações diretas e fluidos cromoterápicos para o doente.

### II.2. P-4B (Tratamento Espiritual)

- os dois primeiros tempos do P-2;
- passes longitudinais.

Nota:

Corrente como acima, vibrações e fluidos para os espíritos perturbadores.

## III. Observações Finais

III.1. A limpeza psíquica deve ser aplicada fora do local, para as crianças e acompanhantes, com passes transversais simples e passes longitudinais.

III.2. A criança deve entrar sozinha no centro do grupo, salvo se se tratar de criança de colo.

III.3. Acima de sete anos não há ressalva, a não ser na moderação das aplicações, na densidade vibratória e seleção dos operadores.

III.4. Em todos os casos outras medidas poderão ser tomadas segundo as circunstâncias de local, tempo e número de pessoas a atender.

São Paulo, 1.º de novembro de 1974.

EDGARD ARMOND

